

# A GÍRIA EM UM AMBIENTE SOCIOEDUCATIVO: RECURSO LINGUÍSTICO UTILIZADO PELOS JOVENS QUE SE ENCONTRAM PRIVADOS DE LIBERDADE<sup>1</sup>

## *SLAIN IN A SOCIO-EDUCATIONAL ENVIRONMENT: LINGUISTIC RESOURCE USED BY YOUNG PEOPLE WHO ARE DEPRIVED OF FREEDOM*

FERNANDO MIRANDA ARRAZ<sup>2</sup>

[fernandomarraz@gmail.com](mailto:fernandomarraz@gmail.com)

**RESUMO:** *Este artigo apresenta uma das variedades presentes no léxico português, que é a gíria, falada em especial por adolescentes e/ou jovens que se encontram privados de sua liberdade. As gírias são consideradas herméticas, logo difíceis de serem compreendidas por aqueles que não estão inseridos no grupo, sendo realmente uma forma de proteção e identificação dos membros. O interesse por este tema vai além de tornar conhecida a linguagem dos privados de liberdade, mas sim em tratar a gíria como fonte criativa e significativa por parte de seus usuários. O estudo busca a partir do início de uma análise realizada com um corpus léxico (palavras e expressões utilizadas por indivíduos na condição de acautelados), mostrar de que forma, esses adolescentes criam gírias, sem conhecimento dos recursos linguísticos. Espera-se que esta pesquisa facilite a prática de diversos profissionais que convivem com esses adolescentes, buscando uma melhor compreensão da temática e permitindo nortear pesquisas futuras, contribuindo como uma ferramenta versátil para o desenvolvimento do processo de comunicação verbal.*

**Palavras-chave:** *gíria; léxico; adolescentes; privados de liberdade.*

**ABSTRACT:** *This article presents one of the varieties present in the Portuguese lexicon, which is slang, spoken especially by teenagers and / or young people who are deprived of their freedom. Slang terms are considered hermetic, therefore difficult to be understood by those who are not part of the group, being really a form of protection and identification of members. The interest in this theme goes beyond making the language of those deprived of liberty known, but in treating slang as a creative and meaningful source on the part of its users. The study seeks from the beginning of an analysis carried out with a lexical corpus (words and expressions used by individuals in the*

<sup>1</sup> Esse estudo tem como base projeto apresentado para ingresso e aprovação no Doutorado em Letras na área de linguística e língua portuguesa da PUC/MG

<sup>2</sup> Doutorando em Letras: Linguística e Língua Portuguesa pela PUC/MG - Bolsista CAPES; Pós-graduado em Gestão escolar, Psicopedagogia, Tutoria em EaD, Orientação educacional, Educação especial e Neuropsicopedagogia. Servidor público da Secretaria de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais- SEJUSP, atualmente exercendo a função de Diretor de uma unidade socioeducativa (Internação Provisória).

*condition of being guarded), to show how these adolescents create slang, without knowledge of linguistic resources. It is hoped that this research will facilitate the practice of several professionals who live with these adolescents, seeking a better understanding of the theme and allowing to guide future research, contributing as a versatile tool for the development of the verbal communication process.*

**Keywords:** *slang; lexicon; adolescents; deprived of liberty.*

## INTRODUÇÃO

Esse estudo visa abordar em específico os adolescentes e/ou jovens, daqui por diante, jovens que se encontram privados de sua liberdade, cumprindo medida socioeducativa de internação, considerados autor de ato infracional<sup>3</sup> conforme disposto na Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 103, aplicadas mediante determinação legal pelo Juiz da Infância e da Juventude. As medidas socioeducativas devem garantir ao adolescente autor de ato infracional ou de conduta descrita em lei como crime ou contravenção penal, o acesso às situações que possam contribuir na superação de sua condição de excluído e, sobretudo, na constituição das condições para a participação na vida social. Vale ressaltar que essas medidas possuem caráter pedagógico com foco na ressocialização desses jovens.

A língua é a melhor e mais eficaz forma de interação humana. Por meio dela é que se estabelece a maioria das relações entre um indivíduo e outro e entre esses indivíduos e a sociedade. É também por meio da língua que revelamos nossa cultura, nossos valores, crenças e a nossa visão de mundo. É preciso considerar que a língua não é algo imutável ou homogêneo, ao contrário, está em constante evolução e se modifica sempre, até dentro de uma mesma comunidade de falantes. A língua, como uma das manifestações da linguagem, se apresenta como um fator de grande importância na identificação de um povo, pelo poder de expressar a realidade da comunidade que a utiliza, conglomerando a cultura, informando e transmitindo-a.

Segundo Preti<sup>4</sup> (2004), é através da língua que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, portanto, realidades diferentes vividas por grupos sociais diferentes darão origem a diversas formas de manifestações linguísticas. Sabe-se que a língua é um traço linguístico da identidade de cada falante que está inserido em um contexto social, econômico e cultural. Nessa variação de usos da língua surge a gíria, fenômeno que nasce da linguagem restrita de determinado grupo social (PRETI, 2000), a qual surge, geralmente, em grupos desprestigiados, transformando-se em símbolo de identidade cultural e linguística desse grupo social. A gíria atua como um signo de grupo, sendo uma função ideológica. Em outras palavras, tudo que é ideológico, possui um signo. Portanto, a gíria é um signo formado por e para um grupo, que surge de forma real através de seu uso, e possui sua ideologia marcada pelo grupo que a cria. Deve salientar que a ideologia é

---

<sup>3</sup> As medidas socioeducativas são aquelas previstas pela Lei 8.069/90, artigo 112: Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I - advertência; II - obrigação de reparar o dano; III - prestação de serviços à comunidade; IV - liberdade assistida; V - inserção em regime de semiliberdade; VI - internação em estabelecimento educacional; VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI. (Brasil, 1990). As medidas de restrição e privação de liberdade deverão ser aplicadas apenas quando houver grande reincidência de atos infracionais, ou ainda em razão da gravidade do ato infracional praticado.

<sup>4</sup> Autor que é considerado um dos precursores das pesquisas sobre as gírias no Brasil.

“encarnada” não apenas em palavras, mas também em instrumentos, produtos de consumo, objetos, de uma forma geral, mas que possuam algum tipo de concretização, uma representação exterior à ideologia, à consciência. No caso da gíria, essa conscientização existe na palavra, que por sua vez é a materialidade linguística.

Segundo Preti (2007), a gíria não pode ser representada nem definida da mesma maneira em todas as línguas, pois ela pode ser estudada sob dois aspectos: a) signo de grupo – vocabulário típico de grupos restritos; e b) a gíria comum – quando já ocorreu a vulgarização do fenômeno e este se torna popular. O referido artigo aborda essencialmente o primeiro aspecto, uma vez que será realizada com jovens privados de sua liberdade, sendo um ambiente, que este grupo restrito cria essa variedade linguística codificada, de tal forma que não é entendida por aqueles que não estejam inseridos neste grupo.

A gíria é uma das opções do léxico português, uma de suas variedades e, assim como outras unidades lexicais, deve se adequar à situação de uso e à intenção do falante em relação ao seu ouvinte. Conforme Bagno (2007),

Algumas pessoas me dizem que a eliminação da noção de erro dará a entender que, em termos de língua, vale tudo. Não é bem assim. Na verdade, em termos de língua, tudo vale alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale? Claro que vale: no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas. E usar palavrão? A mesma coisa. (BAGNO, 2007, p.129)

Embora a língua seja vista como um meio de comunicação entre as pessoas, visando à clareza para uma melhor compreensão, no contexto estudado, isto é, no Sistema Socioeducativo, os usuários da língua usam a comunicação apenas com as pessoas do seu grupo. Quando esses grupos sociais restritos, pelo contato com a sociedade, vulgarizam seu comportamento e sua linguagem, perde-se o signo de grupo. No caso da gíria, ela se incorpora à língua oral popular ou segundo alguns estudiosos mais ortodoxos, simplesmente parte do vocabulário popular. A gíria, portanto, é uma forma de expressão cultural, manifestada linguisticamente.

Os motivos que justificam a realização e investigação da presente pesquisa perpassam por duas esferas: contexto acadêmico e pessoal. Em relação ao viés acadêmico, além de representar um material de estudo importante para as pesquisas sobre variabilidade linguísticas, a opção por estudar a temática, justifica-se, também, por se tratar de um assunto pouco estudado no campo da linguística atual e principalmente pela ausência de material aprofundado sobre o uso e reconhecimento de gírias provenientes de um ambiente socioeducativo, de forma que ocorra uma contribuição científica. No que diz respeito à esfera pessoal, o interesse emerge de minha experiência no campo profissional e atuação direta com adolescentes que cumprem medida de internação socioeducativa em um Centro de Internação Provisória<sup>5</sup>, com isso este estudo tem como justificativa plausível através da observação da força de uma linguagem específica, a gíria, dentro de um ambiente socioeducativo.

No Sistema Socioeducativo, os jovens se comunicam, na maior parte das vezes com as pessoas do seu grupo, por meio da gíria, sendo, portanto, uma forma de expressão cultural, manifestada linguisticamente. Nesse sentido, muito mais que uma forma diferente de falar, a

---

<sup>5</sup> O jovem privado de liberdade fica aguardando a sua sentença proferida pelo Juiz da Vara da Infância e Juventude, com prazo de no máximo até 45 (quarenta e cinco) dias

gíria é, para o indivíduo que está acautelado<sup>6</sup>, uma manifestação de libertação, em meio a um ambiente cheio de regras e limitações.

Ao eleger esta temática, a pretensão é demonstrar a gíria como fonte criativa e (re)significativa por parte de seus usuários, sendo capazes de originar léxicos gírios, evidenciando a força desse fenômeno dentro do ambiente de reclusão. O artigo vem trazer à tona o uso da língua do sujeito privado de liberdade, pois é uma compreensão de um mundo particular e com reflexão de um modo simbólico de sua fala, especialmente por suas gírias, expressão singular daqueles que, apartados de nosso cotidiano conseguem reconstruir uma nova dinâmica em suas palavras com representação de exclusão, da marginalidade, de manifestações contra ações opressoras e atos de imposição. É importante averiguar como o conflito de um grupo minoritário com a comunidade maior em que está inserido gera a necessidade da criação de um vocabulário específico que proporcione não só identificação própria, mas também a autodefesa.

Quando há a criação da gíria, esta funciona como signo de grupo, elemento de identidade, e traz consigo uma formação discursiva que engloba uma ideologia, sendo assim, é necessário compreender o sentido das gírias e como elas são utilizadas como estratégia de interação no grupo que se pretende pesquisar, observando seus sentidos e significados.

Diante deste cenário, o estudo se torna imprescindível, uma vez que as pesquisas sobre as gírias no sistema socioeducativo são escassas no meio acadêmico, abordando na maioria das vezes as gírias com ênfase no sistema prisional, ou seja, nas penitenciárias. Sendo assim, através das observações diárias e conversas informais dentro da unidade, o qual ocupo um cargo de Direção, percebe-se que as gírias são utilizadas como instrumento de luta contra a opressão e silenciamento.

Divulgando esse universo linguístico que circunda o uso da gíria, especialmente desse grupo pouco acessível – jovens infratores privados de liberdade – esperamos contribuir para a valorização dessa variedade linguística que, apesar de constituir-se um fenômeno indispensável no processo natural de renovação da língua, ainda é, por muitos, condenada. Ao ponderarmos a linguagem usada por esses jovens, deparamo-nos com a realidade com a qual convivem que, assim como seu vocabulário, é diferente de qualquer outra realidade. Com este estudo, esperamos também colaborar para a desmistificação da gíria para o público em geral, corroborando que essa variedade deve ser considerada como importante, especialmente por, além de ser mais uma forma de comunicação, fortalecendo as relações sociais e de comportamento entre os integrantes do grupo que a utiliza.

## A GÍRIA

Conforme Cabello (2002) a gíria é oriunda de linguagens especiais, características das classes de malfeitores. Textos do século XIII apontam alguns traços linguísticos secretos, mas apenas na segunda metade do século XV que a torna numerosa identificando o sujeito que a fala. As classes que mais usavam a gíria eram de mendigos, ladrões, assassinos. Cumpre ressaltar que apenas no século XV as classes de malfeitores foram organizando grupos fora da sociedade e, conseqüentemente a isso, viviam em constantes conflitos com ela. Estes grupos eram formados por camponeses que, em estado de miséria, tornaram-se salteadores, soldados desertores ou saqueadores, criminosos foragidos, preguiçosos, charlatões, saltimbancos, dentre outros, com necessidades exclusivas de se comunicar por meio de códigos indecifráveis, na tentativa de não serem entendidos por indivíduos de outras classes.

---

<sup>6</sup> Termo utilizado no socioeducativo, no que se refere, estar preso.

O código linguístico pode ser visto como uma forma de relação social que aproxima ou distanciam as pessoas. Por ser a sociedade formada por diversos grupos, encontramos diferentes linguagens que podem identificar cada grupo, uma vez que o meio social em que um grupo está inserido pode ser um fator determinante para o surgimento de diferentes códigos.

Conforme Preti (2007), a gíria é uma linguagem de caráter popular, criada e usada por determinados grupos sociais ou profissionais, sendo criadas para substituir termos ou conceitos oficiais usados tradicionalmente. Sendo assim, a gíria é um fenômeno de linguagem especial que consiste no uso de uma palavra não convencional para designar outras palavras da língua formal. Pode ser empregada no intuito de fazer uma espécie de segredo, humor ou distinguir os grupos dos demais.

Dentre as variações linguísticas, a gíria pode ser definida como uma forma peculiar de expressão de grupos específicos, que se diferencia da língua padrão, sobretudo pelo léxico. Cumpre ressaltar que se trata apenas de um vocabulário distinto, não constituindo outra língua, pois a estrutura gramatical e sintática é praticamente a mesma da língua materna, mas o léxico é bastante alterado a ponto de impedir a sua compreensão. Sendo assim, a gíria está intimamente relacionada à variedade linguística de um grupo restrito, o qual procura manter a união dos membros por meio da gíria, pois quanto maior for o elo entre o grupo, maior será a identificadora e autoafirmação entre os membros do grupo.

O vocabulário gírio surge a partir do momento em que determinados grupos se isolam da sociedade como forma de reação à padronização sociocultural imposta pela ideologia da classe dominante e adotam uma linguagem especial, opondo-se ao uso comum. Esse comportamento linguístico é, na verdade, reflexo do comportamento social do grupo, o qual não aceita, ou não consegue seguir, os padrões estabelecidos pela sociedade e busca originalidade por meio da língua, criando, assim, um vocabulário de uso restrito. Preti (1984, p. 4) diz que a gíria é uma forma do pequeno grupo se opor à grande comunidade, pois “falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao uso aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade.”

Na verdade são poucos estudiosos que dispõem sobre esse tema e embasam o estudo, porém com base nas análises mais recentes da Linguística, os trabalhos que tratam precisamente do tema em questão, são especialmente os de Preti: “A gíria e outros temas” (1984); “A gíria na língua falada e na escrita: uma história de preconceito social” (2000); “O Vocabulário oral popular: a gíria (2004); “O léxico na linguagem popular: a gíria (2007); sendo assim, o autor além de dar uma definição apropriada ao termo gíria, a subdivide e a analisa de acordo com seus grupos de falantes. Outro autor importante e atuante da área sociolinguística é Bagno (2005) com a obra “Preconceito linguístico: o que é, como se faz”; na qual aborda a luta contra toda forma de exclusão social pela linguagem.

A gíria está presente nos diversos setores da sociedade, uma vez que as camadas sociais menos favorecidas são as que usam com maior frequência, pois são os recursos de variedade linguística disponíveis e que tiveram acesso. Entre os falantes da gíria os menos escolarizados destacam-se de todos os grupos sociais, pois usam a gíria com maior intensidade. O linguista Bagno (2005) aponta o fato da forma preconceituosa com que a língua é tratada na escola e na sociedade, trazendo uma série de discussões sobre as implicações sociais da língua, relatando que a gíria sempre foi cercada por preconceito linguístico, recorrente de um problema mais amplo, o preconceito social.

Ao tratar da questão do preconceito social que afeta a gíria, Preti esclarece:

sua natural ausência [da gíria], na escrita (modalidade da língua mais planejada), e as restrições de seu emprego em muitas situações de comunicação, na língua oral, vêm comprovar uma atitude linguística de rejeição, por parte de quem fala ou escreve, o que torna a gíria um vocabulário marcado, cujo uso enfrenta preconceitos na sociedade. (PETRI, 2003a, p. 241)

À parte disso, quando falamos em gíria, devemos pensar em um fenômeno sociocultural, especialmente pautado na língua falada – ambiente onde, de fato, esse fenômeno linguístico surge e se desenvolve –, podendo se refletir, em um segundo momento, na língua escrita.

A gíria de grupo é aquela que é usada por grupos sociais fechados e restritos, que têm comportamento diferenciado. Possui caráter criptográfico, ou seja, é uma linguagem codificada de tal forma que não é entendida por aqueles que não pertencem ao grupo. Ao usar a gíria os falantes sentem-se mais importantes, e até mesmo superiores, isto serve como um diferencial do grupo contribuindo para o processo de autoafirmação do indivíduo. Expressa a oposição aos valores tradicionais da sociedade e preserva a segurança do grupo, pois em determinadas situações a comunicação não existe com aqueles que não pertencem a ele. Quando o significado das gírias sai do âmbito do grupo, novos termos são criados para que se mantenha seu caráter criptográfico, por isto trata-se de algo efêmero, em constante renovação.

Para Remenche (2003), a gíria de grupo se caracteriza linguisticamente pela “preocupação esotérica, o cuidado que têm os componentes do grupo de criar a sua linguagem, diferente, ininteligível aos estranhos e claríssima a si próprios. A linguagem deles é uma barreira, uma defesa. Logo, as gírias são de formação consciente”.

Conforme Cabello (2002), a gíria caracteriza-se por se manter intencionalmente secreta, sendo ininteligível aos profanos e funcionando como arma de defesa contra os demais elementos da sociedade. Embora essas linguagens estejam circunscritas exclusivamente ao campo lexical, estão ligadas a alguns tipos de variações socioculturais de linguagem e são empregadas para caracterizar a expressão de modos peculiares de pensar e de agir ou para nomear atividades específicas, servindo para uma comunicação mais enfática, de acordo com as circunstâncias sociais.

Ao que se sabe, a gíria refere-se a atividades marginais e de baixo prestígio, no entanto, tida por seus falantes como mecanismo de defesa.

A gíria, signo de grupo restrito, além de marcada pelo estigma de origem, conduz a uma leitura do mundo específica do falante. Muitas vezes ela chega a estampar a miséria, a insegurança, a humilhação, a revolta contida, a insatisfação, o medo, a opressão, a rebeldia, o desprezo, a mágoa pelas injustiças sociais, enfim, um conflito de contrariedades, verdadeiro mecanismo social de defesa e também de agressão. (CABELLO, 2002, p. 178)

A gíria, portanto, como um mecanismo de expressão e defesa, podemos dizer, ganha um caráter social de elemento compensatório, meio de purgação da alma popular. Optando pelas formas gírias, deformando significantes da linguagem usual, criando significados especiais, o falante agride com esse vocabulário convencional, opõe-se a um comportamento linguístico, escolhido pela maioria como norma e, assim, deixa marcado seu conflito com a sociedade. (PRETI, 1984)

A gíria passa a ser parte integrante dos grupos que têm que se defender constantemente, adquirindo, portanto, condição de signo de grupo, identificador, e elemento de defesa e proteção. O autor Dino Preti menciona que:

E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros de um pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação. (PRETI, 1984, p.3)

A gíria é uma manifestação linguística observada, principalmente, na oralidade. Por ser considerada uma forma de agressão, é um fenômeno utilizado comumente por grupos sociais menos privilegiados ou por grupos totalmente excluídos da sociedade.

## GÍRIAS DOS PRIVADOS DE LIBERDADE

A partir do momento em que o jovem privado de liberdade ingressa em uma unidade de internação ele tem a perda do seu eu, ao se deparar com normas e situações que antes fazia individualmente. E ainda em seu alojamento<sup>7</sup>, é submetido a uma série de perguntas feitas por seus companheiros para decidirem se ele pode ou não fazer parte do grupo.

Ao pertencer a um grupo como este, deve-se aceitar as determinações sem questioná-las, pois no grupo seus membros defendem o interesse coletivo, sendo postos em segundo plano seus interesses individuais. Vale ressaltar que esse grupo possui regras, imposições conhecidas por todos os internos, e, conseqüentemente, poderá ter influência negativa, devido seus membros estarem afastados da família e ficarem mais vulneráveis à influência dos líderes<sup>8</sup>.

A gíria utilizada pelos adolescentes autores de atos infracionais é considerada um tanto singular, pois quem não a domina não compreende o conteúdo das mensagens propagadas, gerando constrangimentos e desconfortos entre outros adolescentes, educadores e sociedade.

Os membros de um determinado grupo fechado buscam na linguagem uma forma de impor diferenças entre o seu meio social e os demais meios da comunidade mais ampla, como um mecanismo de defesa, atitude própria de grupos essencialmente ligados à marginalidade, ao tóxico, entre outros. A tendência ao isolamento desses grupos provoca a adoção de uma linguagem especial, particularmente no plano do léxico, visto que o repertório vocabular, enquanto condição essencial da manutenção de uma comunidade, subsiste a partir de um fenômeno cíclico de manifestação e supressão de vocábulos. (PRETI, 1984, p.12)

Devido ao conflito que se estabelece com a sociedade, e conseqüentemente, por necessidade de defender-se de pessoas que estão à sua volta, os jovens que estão em cumprimento de medida socioeducativa de internação, precisam elaborar um código de comunicação que impeça indivíduos não iniciados de entendê-lo enquanto conversa, possibilitando assim a estabilidade do grupo. Sendo assim, a gíria surge para satisfazer necessidades advindas da formação de grupos restritos, compostos de falantes que tenham interesses comuns.

Em razão de sua natureza hermética, a gíria, na maioria das vezes, é considerada uma variante linguística de baixo prestígio social, renegada as classes pouco instruídas. A cultura e a tradição são responsáveis pela manutenção dos padrões linguísticos aceitos pela sociedade.

A gíria transmite e mantém os valores, conhecimentos e a realidade do grupo com uma forte tendência à concretização do abstrato. Além disso, no ambiente

<sup>7</sup> Termo que se refere a “cela” dentro do socioeducativo.

<sup>8</sup> Internos mais velhos na unidade, ou seja, reincidentes na medida socioeducativa.

social, empresta um forte traço de denúncia e insatisfação com as diferenças (...) uma vez que vai contra as regras da língua falada pela sociedade, e como protesto contra as demais regras desta mesma sociedade. É a forma encontrada para sair do anonimato, para serem diferentes de alguma forma. (REMENCHE, 2013, p.21)

Segundo Silva (2008), o adolescente privado de liberdade, cria a gíria com base nas regras de formação de palavras decorrentes do nosso sistema linguístico e, mais especificamente, compõe gírias cujos campos lexicais fazem referência ao universo socioeducativo.

A variedade linguística criada nos centros socioeducativos é dinâmica e metafórica em sua essência, trazendo, muitas vezes, à tona o comportamento social dos jovens que compõem esse ambiente, através das formas estranhas e pejorativas. A gíria não é uma linguagem independente, mas uma forma parasitária da língua, da qual utiliza a fonética, a morfologia, a sintaxe e o léxico, ou seja, os processos de criação da gíria são os mesmos da língua comum.

Conforme Oliveira (2006), por meio do estudo gírio, compreende-se a visão de mundo de seus falantes, pois a linguagem é uma maneira eficaz do indivíduo tornar evidente o estilo de vida específico. Apesar das dificuldades que os internos encontram em seu cotidiano constatamos que eles possuem uma visão irônica do mundo que os cerca e, principalmente, uma visão distorcida deles.

Na sua origem, os vocábulos gírios demonstram que existe, muitas vezes, uma forma de se relacionar a gíria com a visão que o falante expressa do mundo em que vive. Nesse processo de designação subjetiva, os vocábulos expressam os sentimentos, as atitudes em face do meio em que o falante vive, o julgamento crítico e a representação do mundo.

Por intermédio do vocabulário gírio, os internos mantêm a unidade do grupo e tentam burlar a vigilância dos responsáveis por sua internação. Ao empregar a gíria, os internos utilizam uma das poucas armas de defesa que possuem na instituição e, por isso, tentam manter em segredo o significado desse vocabulário. (OLIVEIRA, 2006, p.103)

O vocabulário gírio, diante da dinâmica social e estrutural da língua, pode representar a máxima da relação indivíduo e corpo coletivo, pois é conhecida como linguagem hermética de grupos peculiares e como instrumento de exclusão e segregação, os quais a utilizam como construto simbólico do pertencimento e identidade. Além da agressão aos costumes do grupo social maior, institucionalizado, esse comportamento revela uma necessidade de autoafirmação. A constante busca de identidade, de forma agressiva ou não, está marcada na linguagem dos acautelados em uma unidade socioeducativa de internação, por um léxico peculiar que contrasta com o uso da comunidade externa.

A constituição de um vocabulário gírio, embora possa parecer senso-comum, está longe de ser uma tarefa simples e trivial. Deve haver uma grande preocupação com a representatividade do corpus e com o estabelecimento de critérios claros, além do conhecimento e o respeito às normas e padrões estabelecidos pelos estudos dos léxicos.

## UMA BREVE ANÁLISE DE DADOS

O artigo tem o propósito de retirar das análises, que serão coletadas no corpus gírio, a ideia de que essas unidades lexicais podem criar um contexto novo, um ambiente livre das coações e das normas decorridas do ambiente socioeducativo. Sendo assim, uma das

características inerentes ao vocabulário gírio é a tematização em torno dos grandes problemas do ser humano e das preocupações em relação ao cotidiano da sociedade moderna. A gíria dos privados de liberdade em um ambiente socioeducativo, no qual irei intitular como “gíria em um ambiente socioeducativo”, confirma as tendências temáticas que preponderam nesse vocabulário. Os dados linguísticos oferecidos pelo corpus conduzem aos conceitos-eixo que formam campos semânticos concretos, por meio de uma rede de constelações sinonímicas relacionadas a tais temas.

Este artigo é o início de uma pesquisa de Doutorado, sendo assim irei citar alguns exemplos de gírias coletadas e seus respectivos significados. Vale ressaltar que as respectivas gírias foram coletadas em observações e atendimentos com os referidos jovens acautelados, optou-se por este método, uma vez que atuando diretamente com os sujeitos do estudo, pode-se evitar a resistência e desconfiança dos jovens acautelados, pois com pessoas conhecidas eles se sentem mais à vontade e ficam dispostos a um melhor diálogo.

O grupo social investigado exerce uma grande influência na vida de cada indivíduo nele inserido. A atitude individual é, em geral, moldada, de modo a adaptar-se às atitudes socialmente aceitas pelo grupo. Assim, as normas e as regras criadas pelo grupo devem ser conhecidas e seguidas à risca pelos seus membros, sob pena de o transgressor ser preterido, criticado, ridicularizado ou até gravemente hostilizado pelos demais. Algumas dessas normas dizem respeito a uma espécie de “moral” estabelecida pelo grupo, como o respeito aos familiares, aos visitantes e aos internos que estão há mais tempo na unidade.

Foram selecionados os principais vocábulos coletados pelos informantes durante este início de pesquisa em conversas informais com os jovens acautelados, e no qual serão destacados os principais diante das respostas dos selecionados:

**Quadro 1- Gírias coletadas com os adolescentes privados de liberdade**

<b>GÍRIAS</b>	<b>SIGNIFICADOS</b>
<b>155 (um cinco cinco)</b>	furto
<b>157 (um cinco sete)</b>	roubo à mão armada
<b>171 (um sete um)</b>	estelionato
<b>areia nos olhos</b>	enganar
<b>azul</b>	esperto
<b>badalo</b>	órgão genital masculino
<b>Beca</b>	calça
<b>barraco ou gaiola</b>	alojamento/ dormitório
<b>blindada</b>	marmitex
<b>boi</b>	vaso sanitário
<b>cão</b>	ânus
<b>cabuloso</b>	estranho; diferente; esquisito
<b>carne de monstro</b>	carne com muito nervo e gordura
<b>cachorro</b>	nádegas
<b>castelar</b>	masturbar
<b>catatau</b>	carta ou bilhete
<b>cavalo doido</b>	fuga
<b>cheroso</b>	sabonete
<b>chucho</b>	objeto artesanal usado como arma pelos internos
<b>conde</b>	transferência
<b>churros</b>	fezes
<b>corre</b>	tentar conseguir o que quer

<b>coruja</b>	cueca
<b>coxinha ou gambé</b>	policial
<b>crocodilo</b>	não confiável
<b>dentária</b>	escovar os dentes
<b>descalço</b>	desarmado
<b>duzentão ou jack</b>	estuprador
<b>fita</b>	roubo; furto
<b>franga</b>	medroso
<b>gancha</b>	bermuda; shorts
<b>graxa</b>	manteiga servida no pão
<b>grude</b>	comida
<b>jega</b>	cama
<b>larica</b>	vontade de comer
<b>marrocos</b>	pão
<b>pestana</b>	cochilo
<b>pipa</b>	bilhete
<b>pisante</b>	tênis
<b>praia</b>	chão do alojamento
<b>rato</b>	interno que furta do outro
<b>remo</b>	colher
<b>seguro</b>	Ameaçado
<b>tia</b>	corda improvisada
<b>ventana</b>	janela
<b>zoiuda</b>	televisão

Elaborado pelo autor (2019).

É perceptível uma estreita relação entre as atitudes sociais vivenciadas pelo grupo investigado e a linguagem por ele utilizada, ou seja, é perceptível que as escolhas lexicais, no caso, a predileção pelo uso da gíria (e, em especial, de algumas gírias) não é algo gratuito, mas, de fato, demonstra a compreensão do valor que o uso adequado dessa variedade assume no interior do grupo.

Em razão disso, é possível perceber que essa variedade não serve apenas, pura e simplesmente, para a comunicação, mas também representa claramente uma manifestação de força social no âmbito do grupo. Isso fica evidenciado, sobretudo quando um novo adolescente, pela primeira vez, passa a ser interno da unidade. Essa orientação só vem confirmar o grau de importância da gíria dentro de uma Unidade socioeducativa, sendo uma das principais razões dessa valorização se deve ao estabelecimento de regras e de tabus linguísticos por seus membros que, se não forem respeitados por qualquer razão, poderão gerar sanções, que podem variar, desde uma simples gozação ou ironia, agressões físicas e até mesmo a uma rebelião.

Neste sentido, a seleção de palavras está ligada ao esquema de imagens, sendo elas a forma central da estrutura conceitual conforme os pressupostos da semântica cognitiva. E, de acordo com a teoria, a partir da experiência física de ser e de agir no mundo, os falantes formam estruturas conceituais básicas com as quais organizam o pensamento sobre outros domínios.

Me recordo de uma situação na unidade, assim quando comecei a trabalhar dentro de uma unidade socioeducativa, estavam distribuindo o almoço nos alojamentos e fiquei curioso e fui acompanhar, até o momento que um dos jovens falou para o Agente de Segurança Socioeducativo- ASE: “ Pega a minha *blindada* e traz o *remo*, passa aqui na *ventana*, tô numa

*larica*, depois vou dar uma *pestana* na minha *jega*. Sendo assim, parecia que estava em outro mundo, pois não tinha entendido nada. Depois procurei um Agente Socioeducativo, que me relatou a frase completa: “Pega minha marmitex e traz a colher, passa aqui na janela, tô numa fome, depois vou dar um cochilo na minha cama. A partir dessa situação, percebi que era uma variação linguística criptografada, ou seja, um meio que os jovens privados de liberdade tinham, com isso comecei a me interessar e a pesquisar sobre o assunto, que é de suma importância para a área da linguística. Sendo assim, é importante é imprescindível uma pesquisa aprofundada sobre as gírias socioeducativa dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa ainda está no seu princípio, mas já se percebe como as gírias coletadas buscam no léxico da língua muitas de suas referências, buscando no cotidiano dos acautelados elementos que reflitam sua realidade. Espera-se que este estudo facilite a prática de diversos profissionais que convivem com esses adolescentes, procurando uma melhor compreensão do tema em estudo. Essa análise permitirá nortear pesquisas futuras contribuindo como uma ferramenta versátil para o desenvolvimento do processo de comunicação verbal.

Ao problematizar a questão da gíria, é perceptível relatar que ela não é uma variação linguística apenas das camadas marginalizadas da sociedade, embora a gíria tenha o seu berço nesta camada social, ela transcende esse grupo de pessoas, porém não deve tomar lugar da língua formal. A gíria de grupo deve ser tratada com respeito, não discriminando seus falantes, pois muitas vezes não entendem o seu significado real.

Com este estudo se espera uma contribuição para a desmistificação da linguagem gíria para o público em geral, demonstrando que essa variedade deve ser considerada como importante, especialmente por, além de ser mais uma forma de comunicação, fortalecer as relações sociais e de comportamento entre os integrantes do grupo que a utiliza. Apresentando esse universo linguístico que circunda o uso da linguagem gíria, especialmente desse grupo pouco acessível – jovens privados de liberdade – espera-se contribuir para a valorização dessa variedade linguística que, apesar de constituir-se um fenômeno imprescindível no processo natural de renovação da língua, ainda é, por muitos, estigmatizada.

O conhecimento mais aprofundado da gíria pode contribuir para a melhoria da comunicação com o grupo, minimizando possíveis situações constrangedoras ou de conflito no convívio com os adolescentes em questão, mesmo que seja apenas ouvindo-os, já que a maneira como esses jovens falam ultrapassa um simples ato comunicativo, pois, além de favorecer as relações entre si e os outros, demonstra a visão de mundo do grupo, suas marcas individuais e a identidade enquanto grupo.

Esse universo significativo promovido pelo conjunto das gírias passa a ser de extrema importância para a adaptação do acautelado, uma vez que o adolescente que se encontra em cumprimento de internação passa a se adaptar e a conviver mais facilmente com a sua rotina por meio de um outro viés que não o trazido pelos valores e regras institucionais de segurança.

Cabe destacar que o referido estudo se ancora na Sociolinguística, porém no decorrer das disciplinas do meu doutoramento, passei a conhecer a Análise do Discurso de linha francesa- AD, de corrente Pêcheutiana, demonstrando maiores contribuições através de um sujeito histórico e ideológico, uma vez que existe uma memória para se explorar, pois nem o sujeito e o grupo possuem a origem do dizer, visto que são afetados e atravessados por diferentes sentidos que também apontam variáveis significações em relação as gírias, sendo o funcionamento do inconsciente, Sendo assim, essa corrente poderá trazer muitas contribuições para uma melhor compreensão dos funcionamentos que são produzidos à margem da sociedade.

Em suma, entende-se que ainda há muito a ser pesquisado a respeito da gíria no ambiente socioeducativo e, em razão disso, outros estudos fazem-se necessários, inclusive, com novos olhares acerca desse objeto em particular, por vezes pouco valorizado em estudos linguísticos. Espera-se que este estudo venha contribuir para um novo olhar sobre essa variedade linguística, de forma a valorizá-la, não só entre os estudiosos da linguagem, mas também junto ao público em geral.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 37ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990: Estatuto da criança e do adolescente. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2000. (1990).
- CABELLO, Ana R. G. Linguagens especiais: realidade linguística operante. *UniLetras*, v.24, 2002. Disponível em: [www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/242/238](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/242/238). Acesso em 10 Abril de 2017.
- OLIVEIRA, M. L. T.. A gíria dos internos da FEBEM. Dissertação de Mestrado. PUCSP. São Paulo, 2006.
- PRETI, D. F., *A Gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp, 1984a.
- PRETI, D. F. *Dicionários de Gíria*. In: Revista ALFA, nº 44. UNESP. São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. A Gíria na língua falada e escrita: Uma longa história de preconceito social In: PRETI, D. F. (org), *Fala e Escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2003a, p. 241-257.
- \_\_\_\_\_. *O Vocabulário oral popular: a gíria*. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- PRETI, D. F. O léxico na linguagem popular: a gíria. 2007. Disponível em <https://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp18/o2.pdf>. Acesso em Março de 2017.
- REMENCHE, M. L. R.. *As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná*. Dissertação de Mestrado. UEL. Londrina, 2003.
- SILVA, Maria Edileuza Tavares. *Os sentidos da liberdade. O léxico gírio como resultado de uma produção léxica criativa e significativa*. Araraquara. 2008.

Artigo recebido em: 02/10/2019

Aprovação final: 15/10/2020

DOI: DOI 10.35501/dissol.vi12.737